



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

**O CONGO CAPIXABA COMO
RESISTÊNCIA A
ACULTURAÇÃO CATÓLICA:
PRÁXIS SINCRÉTICA
DESCOLONIZADORA DOS
SABERES EUROCÊNTRICOS**

**CONGO CAPIXABA AS
RESISTANCE TO CATHOLIC
ACCULTURATION: DECOLONIZING
SYNCHETIC PRACTICES OF
EUROCENTRIC KNOWLEDGE**

Edeson dos Anjos Silva

Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Contato:
edesonanhos@hotmail.com

Geisa Humpff Fernandes Lacerda

Mestra em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Contato:
ghflacerda@hotmail.com

Paulo Jonas dos Santos Júnior

Doutorando em Planejamento Regional e Gestão da Cidade pela Universidade Cândido Mendes (UCAM); Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA); Pós-graduado em História e Cultura no Brasil pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Pós-graduado em Tutoria em Educação a Distância e Docência do Ensino Superior (ICETEC); Pós-graduado em Filosofia e Sociologia (ICETEC); Pós-graduado em Metodologia de Ensino Religioso e Artes (ICETEC); Pós-graduado em Maçonologia: História e Filosofia (UNINTER); Licenciado em História pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell (ISEED) e Bacharel em Teologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da CGADB (FAECAD). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Contato: paulojsjunior@hotmail.com

Silvana Duarte Gonçalves dos Santos

Pós-graduada em Língua Portuguesa (FAFITA); Pós-graduada em Psicopedagogia (UCB); Graduada em Letras (FAFITA); Graduada em Teologia (FUV). Docente da SEEDUC-RJ. Contato: silvanadgsantos@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de dialogar como sucedeu o período escravagista no Espírito Santo; a forma de tratar o corpo negro como mão de obra; como os escravos se estabeleceram na Província para além do entendimento do confinamento da senzala, pois suas formas de se estabelecerem em terras capixabas promoveram formas de pensar que partiu de um pensamento afro-brasileiro, ou melhor, um relato afro-capixaba. Neste processo, relatar a escravidão nessa terra extremamente racista é fundamental ou reavivar a contribuição do legado de homens e mulheres negras a partir do festejo do catolicismo popular do congo, como um legado da proposta de cultura e resistência que estão intimamente ligados ao conceito ou entendimento de Religião afro-brasileira.

Palavras-chave: Congo. Catolicismo. Capixaba. Cultura Afro-Brasileira. Eurocentrismo.

Abstract: The objective of this work is to discuss how the slave period ensued in the Espírito Santo State, how to treat the black body as labor, how the slaves established themselves in the province beyond understanding the confinement of the senzala, since their forms of establishing in Capixabas lands promoted ways of thinking based on Afro-Brazilian thinking, or rather, relating afro-capixaba, in this process to report

slavery in this extreme racist land and to substantiate or revive the contribution of the legacy of black men and women starting from the celebration of popular Catholicism of the Congo, as a legacy of the proposal of culture and resistance that closely linked to the concept or understanding of Afro-Brazilian religion.

Keywords: Congo. Catholicism. Afro-Brazilian culture, Eurocentrism.

Introdução:

Este texto se propõe a debater noções propedêuticas a respeito do período escravagista no Brasil, na região do estado do Espírito Santo; bem como, refletir sobre a ocorrência da forma de tratar o corpo negro como mão de obra. Sugere, ainda, uma análise da festa do Kongo, realizada no Espírito Santo, que promove a difusão do catolicismo negro, a qual rompe com o ideário religioso de raízes europeias e fomenta a identidade africana nas suas aspirações, bem como em suas ideologias religiosas.

A partir do sistema escravagista, sob a evidência do negro como sujeito de contribuição da história, cultura, memória e aspectos religiosos, nossa grafia se debruça sobre essas narrativas e procura compreender a escravidão no seu sentido religioso, em solo brasileiro, especificamente no estado do Espírito Santo. Entre esses, busca compreender a atuação do povo Banto, na primeira demanda de escravos entre os séculos XVI e XVII.

Posteriormente, busca compreender de que forma se desenhou o sistema escravagista como modelo agro explorador e de práticas racistas, e desvendar a resistência que veio através da insurreição de Queimado, pela qual o congo capixaba veio desenhando o sincretismo religioso; isso devido o surgimento da religião afro-brasileira, que entre o berço de matriz africana alinhou-se às variedades existentes de cultos religiosos praticadas em berço capixaba. Agregou também traços da Cabula de origem Banto, bem como do Candomblé de origem Nagô e do Candomblé como um berço de identidades/nações de linhagem diferenciadas.

A pesquisa foi fundamentada na busca pelo resgate do negro capixaba, foi crucial a contribuição desse, para construção do processo teórico, que descreve a resistência à aculturação católica, como descolonizadora dos saberes eurocêntricos.

O panorama dos escravos bantos

Conforme literatura especializada, o Bantu é um termo geral para mais de 400 grupos étnicos diferentes na África, desde Camarões, África Austral, África Central e África Oriental; os quais são unidos por uma família de línguas comuns (as línguas Bantu) e em muitos casos, costumes e hábitos similares¹. Como eles se espalharam por uma vasta área têm sido o foco de muito estudo e teorização. É geralmente aceito que os povos de língua Bantu se originaram da África Ocidental, há cerca de 4.000 anos, embora haja menos consenso sobre as razões exatas e o curso de sua ampliação. Antes disso, acredita-se que a metade sul da África tenha sido povoada por pessoas que falam khoisan².

Após a expansão Bantu, muitos dos grandes reinos da África do Sul foram governados pelos povos Bantu, que tendiam a ser altamente engenhosos e adaptáveis. Seus reinos negociaram com os europeus, quando começaram a colonizar a África; no entanto, os europeus pressionaram as populações Bantu existentes a se mudarem³.

Embora africanos de todas as regiões costeiras da África Ocidental tenham sido capturados e levados como escravos para a América do Norte, os povos Bantu estavam entre os mais numerosos. Nomes de lugares bantos em uma ampla área dos estados do sul refletem a presença de um grande número de bantos e indicam como os africanos bantus mudaram a paisagem e a cultura do mundo branco que os escravizou⁴.

Bantu significa "pessoas" em muitas línguas bantu. Wilhelm Bleek usou pela primeira vez o termo "Bantu" em seu sentido atual em seu livro de 1862, *Uma Gramática Comparativa das Línguas Sul-Africanas*, no qual ele supunha que um vasto número de línguas localizadas nas regiões central, sul, leste e oeste da África compartilhavam muitas características⁵.

¹ AXEL, Samba Tomba Justes. Às origens dos escravizados bantu de África central deportados às Américas dos séculos XVI-XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29, 2017, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPUH, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1505149767_ARQUIVO_AorigensdosescravizadosBantudeAfricaCentralAnpuh.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

² AXEL, 2017.

³ AXEL, 2017.

⁴ AXEL, 2017.

⁵ AXEL, 2017.

Segundo Fabrício Lyrio Santos, a Bahia iniciou o culto aos ancestrais indígenas, os quais foram difundidos para o Brasil, tendo incorporado espíritos ancestrais com variações regionais⁶. Segundo Reginaldo Prandi⁷, com a chegada do Espiritismo de Kardeck no Brasil, houve uma grande confluência entre essas religiões e um movimento unificador, o que criou, assim, a Umbanda. Durante o século 20, esse movimento venceu a batalha pela legalização das religiões afro-brasileiras, as quais foram objeto de preconceito e criminalização⁸.

Desde os primórdios do tráfico de escravos, muitos proprietários de escravos cristãos e líderes da Igreja achavam que era importante converter os africanos escravizados. Isso para cumprir suas obrigações religiosas, mas também na esperança de tornar os escravos mais submissos. Além disso, outros argumentam que os africanos escravizados foram perseguidos religiosamente para não terem conexão com um passado comum⁹.

Embora a Igreja tenha conseguido essa mudança de religião em muitos casos, nem todos os africanos se converteram. Muitos praticavam exteriormente o cristianismo, mas oravam secretamente a seu próprio deus, deuses ou espíritos ancestrais. No Brasil, onde o catolicismo era popular, os adeptos do candomblé viam no culto dos santos uma semelhança com sua própria religião. Dessa forma, os praticantes de candomblé, frequentemente, escondiam os símbolos sagrados de suas divindades dentro de seus santos católicos correspondentes.

⁶ SANTOS, Fabrício Lyrio. A civilização como missão: agentes civilizadores de índios na Bahia colonial no contexto da política pombalina. *Tempo*, Niterói, v. 22, n. 41, p. 533-550, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v22n41/1413-7704-tem-22-41-00533.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

⁷ PRANDI, Reginaldo. *A dança dos caboclos: uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros*. [Texto de trabalho, s.d.]. Disponível em: https://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/A%20danca_dos_caboclos.pdf. Acesso em: 22 fev. 2019.

⁸ OLIVEIRA, Ilzver de Matos. *Perseguição aos cultos de origem africana no Brasil: o direito e o sistema de justiça como agentes da (in) tolerância*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=13d83d3841ae1b92>. Acesso em: 23 mar. 2019.

⁹ FERREIRA, Mendell Barreto. *O papel da igreja frente à escravidão indígena e africana nos séculos XVII e XVIII: um olhar sob a perspectiva dos padres Antônio Vieira e João Antonio Andreoni (Antonil)*. 2011. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/historia/files/2013/11/2011-O-PAPEL-DA-IGREJA-FRENTE-%C3%80-ESCRavid%C3%83O-IND%C3%8DGENA-E-AFRICANA-NOS-S%C3%89CULOS-XVII-E-XVIII-UM-OLHAR-SOB-A-PERSPECTIVA-DOS-PADRES-ANTONIO-VIEIRA-E-JO%C3%83O-ANTONIO-ANDREONI-ANTONIL.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

Nas comunidades segregadas da América, onde os negros se encontravam, era fácil criar fraternidades religiosas católicas. Essas reuniões, no entanto, eram na verdade uma oportunidade para a adoração do candomblé, as chamadas cabulas, que eram oportunidades para os escravizados se reunirem e planejarem rebeliões contra seus senhores. Muitos dos africanos escravizados de Bantu encontraram um sistema compartilhado de adoração com os povos indígenas do Brasil, e, através dessa conexão, eles reaprenderam a adoração dos ancestrais¹⁰.

No que tange os estudos propostos por Bruno Rohd, esses afirmam que o candomblé foi condenado pela Igreja Católica e os seguidores da fé de origem africana foram perseguidos violentamente através de campanhas públicas e ações policiais lideradas pelo governo. A perseguição somente parou quando uma lei exigindo a permissão da polícia para realizar cerimônias públicas foi descartada na década de 1970¹¹.

A religião cresceu em popularidade no Brasil desde então, com até dois milhões de pessoas professando seguir essa fé. É particularmente praticada em Salvador da Bahia, no nordeste do Brasil. Curiosamente, muitas pessoas de países africanos visitam a Bahia para aprender mais sobre a fé de seus antepassados¹².

Para muitos seguidores, não é apenas uma questão de crença religiosa, mas, também, de recuperar a identidade cultural e histórica da qual a escravidão os despojou¹³. Há também algum movimento para remover imagens católicas dos cultos, na tentativa de devolver a fé às suas origens mais fundamentais.

Acordo pós-europeu

Os europeus na era do comércio de escravos às vezes justificavam a escravização dos africanos ao apontar que a escravidão já existia naquele continente. No entanto, enquanto formas de escravidão eram antigas na África, e os comércios

¹⁰ FERREIRA, 2011.

¹¹ ROHD, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não *Nasceu*: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *REVER*, São Paulo, ano 9, p. 77-96, mar. 2009. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 21 mar. 2019.

¹² ROHD, 2009.

¹³ FERREIRA, 2011.

muçulmanos trans-saarianos e do Mar Vermelho eram de longa data; o comércio do Atlântico interagiu e transformou esses aspectos anteriores à escravidão.

Líderes africanos poderosos controlariam a indústria escravista e lidariam com os europeus a fim de aumentar sua riqueza e status junto aos estrangeiros. Um grande número de pessoas Bantu foram escravizadas e trazidas para as Américas. Escravos eram empregados para serem servos, concubinas, soldados, administradores e fazendeiros. Aldeias inteiras foram capturadas e feitas para homenagear o chefe de Estado, ou foram enviadas para a costa leste dos Estados Unidos. Essas pessoas eram consideradas propriedades de seus donos e muitas vezes eram separadas de suas famílias para sempre.

Com o crescente assentamento de brancos no sul da África, surgiram forças sociais, econômicas e políticas que tiveram profundos efeitos sobre os falantes do Bantu. Enquanto a política britânica era "dividir e conquistar", a política dos bôeres podia ser caracterizada como "dominação total"¹⁴.

Os africanos levaram suas culturas, habilidades e visões de mundo espiritual para as Américas e onde quer que as religiões africanas criaram raízes no Novo Mundo, os africanos e seus descendentes mudaram e adaptaram seus sistemas de crença às circunstâncias e influências locais¹⁵. Através das circunstâncias individuais criaram variações na forma pela qual as pessoas praticavam suas crenças, em o que acreditavam e também do significado que isso representava para suas vidas¹⁶.

Em todas as Américas, as crenças religiosas emergiram em distintas formas, o que permitiu que os africanos e seus descendentes tivessem um espaço social próprio. A continuação do tráfico de escravos para Cuba e o Brasil em meados do século XIX consolidou e fortaleceu as religiões africanas nos dois países¹⁷.

O mais conhecido talvez seja o candomblé no Brasil. Em ambos os lugares, as divindades africanas e os costumes religiosos africanos sobreviveram, de maneira que não existiam em outras partes das Américas. Eles também geraram sociedades

¹⁴ ROHD, 2009.

¹⁵ FERREIRA, 2011.

¹⁶ OLIVEIRA, [s.d.].

¹⁷ FERREIRA, 2011.

secretas que eram importantes instituições sociais entre os escravos locais e, mais uma vez, fomentavam a inquietação entre os escravizados¹⁸.

Embora as religiões africanas tenham sido desaprovadas em grande parte pelas autoridades coloniais, ainda assim elas sobreviveram e se adaptaram, o que permitiu que os praticantes escravizados desfrutassem de certo grau de liberdade na forma como conduziram suas vidas sociais e privadas. Para pessoas cujas vidas eram controladas por proprietários intrusos, é difícil superestimar a importância dessas práticas religiosas¹⁹.

Período escravagista no Espírito Santo

Rafael Marquese explica que durante o período escravista dos negros, esses eram tidos como mercadoria, na qual seus preços variaram muito ao longo do tempo; devido a fatores que incluem a oferta e mudanças nas quantias de commodities, como o algodão²⁰. Mesmo considerando a despesa relativa de possuir e manter um escravo, a escravidão era lucrativa.

A fim de garantir a lucratividade dos escravos e produzir o "retorno sobre o investimento" máximo, os proprietários de escravos geralmente forneciam apenas o mínimo de comida e abrigo necessários para a sobrevivência, e forçavam seus escravos a trabalhar do nascer ao pôr do sol²¹.

Embora os homens adultos jovens tivessem os níveis esperados mais altos de produção, as mulheres adultas jovens tinham um valor que iam além de sua capacidade de trabalhar nos campos, elas poderiam ter filhos que por lei também eram escravos do dono da mãe²². Os escravos no Brasil, na região do Espírito Santo, reagiram de muitas maneiras, como, por exemplo, mataram seus senhores e donos de plantações, fugiram para as florestas e montaram revoltas²³.

¹⁸ ROHD, 2009.

¹⁹ ROHD, 2009.

²⁰ MARQUESE, Rafael de Bivar. A Dinâmica da Escravidão no Brasil. Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. *Novos Estudos*, São Paulo, ed. 74, v. 1, p. 107-123, mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29642.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

²¹ MARQUESE, 2006.

²² MARQUESE, 2006.

²³ ROHD, 2009.

É claro que um sistema baseado na ideia de que uma pessoa pode possuir outra, só pode se sustentar através da violência. Os mestres de escravos consultavam manuais, que circulavam pelo Atlântico, os quais ofereciam conselhos sobre como punir e controlar os escravos. Em resposta, muitos escravos escaparam, abortaram, assassinaram e envenenaram seus senhores, ou se mataram²⁴.

Houve também exemplos de insurreições organizadas em que a resistência dos escravos levou à criação de quilombos, lugares onde aqueles que escaparam se uniriam como, por exemplo, a insurreição de queimado, a qual foi um marco importante na luta pela liberdade. Conforme Borges:

A antiga freguesia de São José do Queimado, que pertencia a Comarca de Vitória, no dia 19 de março de 1849, foi palco de uma Insurreição de Negros Escravos, a Revolta do Queimado. Uma negociação pela liberdade, que teria sido firmada oralmente, envolvendo um Frei Italiano, Gregório José Maria de Bene e os Negros Escravos. Um acordo pela libertação em troca de préstimos na construção de uma Igreja Católica e o impasse causado pelo padre, que não teria cumprido suas promessas, acabou resultando em ação violenta por parte dos Escravos e uma cruel e sanguinária repressão por parte das forças legalistas, culminando na prisão, em fuga da cadeia, em açoites de 200 a 1.000 chibatadas em vários negros e enforcamento de dois dos líderes da Revolta, os negros heróis de uma luta libertária. Nos dias atuais sabe-se historicamente que a Insurreição do Queimado, na verdade foi uma Revolta. Um audacioso plano de libertação, arquitetado por Elisiário, Chico Prego, João Pequeno e João da viúva Monteiro, os quais não se conformando com a miserável condição de escravo e os sofrimentos físicos e humilhações sofridas elaboraram um plano de libertação para o dia da inauguração da Igreja de São José, com o objetivo de obrigar o padre Frei Gregório a conceder-lhes a alforria, ou seja, a liberdade. A Revolta do Queimado foi a maior insurreição negra ocorrido no Estado do Espírito Santo e um marco na história da Negritude Capixaba. Referência da resistência negra nos tempos da escravidão. A proliferação de quilombos em toda a paisagem americana entre os séculos XVI e XIX foi o resultado de uma variedade complexa de situações políticas, porque não eram apenas lugares transitórios e isolados, mas sim, representavam um modo de vida alternativo e, ao mesmo tempo, formavam parte da sociedade escravista que os rodeava, com a qual estavam intimamente ligados de várias formas.²⁵

Desde o início, eles nunca deixaram de negociar suas condições, lutando pelo tempo de lazer, por meios para sustentar suas famílias e pelo direito de praticar seus costumes e adorar suas divindades²⁶. Eles também tentaram adaptar suas práticas culturais, colocando-as na forma mestiça; um bom exemplo disso é a capoeira, esse nome vem da vegetação nascida depois que a floresta virgem é destruída, mas

²⁴ MARQUESE, 2006.

²⁵ BORGES, Clério José. *Revolta dos negros do Queimado: insurreição dos negros em busca da liberdade no Distrito do Queimado, Espírito Santo*. Espírito Santo: PERSE, 2015, p. 20.

²⁶ BORGES, 2015.

assumiu outros significados também. Originalmente uma espécie de luta, tal prática costumava ser descrita como uma dança, uma metáfora propriamente dita: um estilo de luta disfarçado de dança, escondendo assim suas verdadeiras intenções. Porém, nem todas as reações foram sutis e muitas foram violentas²⁷.

O legado do Congo: o Congo Capixaba como resistência à aculturação católica

A cultura popular no Brasil deve muito aos elementos culturais africanos que foram reorganizados e remontados através de vários e múltiplos processos históricos. Uma festa particular que ocorre em muitas regiões e ocorreu desde o início da colonização portuguesa consiste na coroação e celebração de reis negros²⁸. Isso aconteceu sob o véu das irmandades católicas que congregavam grupos de africanos e seus descendentes, que eram escravos, libertos ou livres indivíduos. No século XVIII, essas eram conhecidas como "celebrações do rei negro"²⁹.

Os indivíduos célebres foram identificados como "reis das nações" e representavam grupos étnicos ou multiétnicos. A designação congada apareceu pela primeira vez no início do século XIX para se referir a tais celebrações, e com o passar do tempo, reis negros étnicos gradualmente se transformaram em "reis do Kongo"³⁰.

Monteiro alega que, no curso do século XIX, o Kongo tornou-se o rei dos festivais, como resultado de processos históricos que tinha começado no século XVI, o lugar de uma afirmação dos católicos negro como identidade e um reforço das ligações comunitárias, principalmente entre grupos de Ascendência africana³¹. Hoje as congadas ainda são realizadas por negros principalmente no sudeste do Brasil³².

A festa brasileira manteve viva uma memória baseada na escravização africana e o resultado diáspora em que diferentes grupos étnicos da África Centro-Ocidental se reuniram sob uma nova identidade – a dos católicos negros. No Espírito Santo:

²⁷ BORGES, 2015.

²⁸ ROHD, 2009.

²⁹ BORGES, 2015.

³⁰ ROHD, 2009.

³¹ MONTEIRO, Livia Nascimento. A origem mítica das festas de Congada e as memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais. *Revista OQ*, ano 3, n. 3, maio 2016.

³² MONTEIRO, 2016.

O Congo Capixaba é a uma manifestação popular tradicional e significativa no estado do Espírito Santo. Essa expressão cultural é marcada pelo ritmo musical que usa instrumentos peculiares, cantos, danças e trajes típicos. Assim como a formação cultural do povo brasileiro, esta manifestação possui influências das três principais matrizes culturais brasileiras: A indígena, a europeia e a africana³³.

Tanto os africanos, como os seus descendentes, os escravizados e os livre, não apenas compartilharam suas condições sociais, mas, também, a sua origem provinda da mesma região da África³⁴. O rei do Kongo foi escolhido para ser investido com a liderança de grupos organizados em torno das irmandades leigas. Ele pretende representar essas comunidades negras ao lidar com autoridades da igreja e do estado³⁵.

Esses líderes, chamados “reis negros”, foram inicialmente associados a vários grupos étnicos de diferentes “nações”, muitas vezes, na documentação do século XVIII as referências aludem a estas muitas “nações”³⁶. Mas a partir do século XIX sobre a maioria dos reis negros que foram chamados de “reis Kongo”, e esse processo correspondia à consolidação de uma identidade católica negra que diluiu as identidades étnicas originais, e que ajudou formar uma identidade negra brasileira em que a África é referida de uma forma mítica através do rituais das festividades³⁷.

Por fim, entendeu-se que o Kongo desempenhou um papel importante para os escravizados e transportados para o Brasil, pois desenvolveram suas próprias identidades e sua capacidade na sociedade brasileira, capaz de conceder identidade e significado de um catolicismo que já tinha sido internalizado enquanto ainda em solo africano³⁸.

Ao mesmo tempo, os grupos dominantes aceitaram a celebração religiosa do rei do Kongo, porque o viram como uma africanização inocente das realidades festivas que faziam parte de festivais populares, como o Império do Espírito Santo, difundido tanto em Portugal como no Brasil³⁹.

³³ COSTA, Douglas Pinheiro; MATTOS, Thiaya Freitas de. A cultura e religiosidade do congo capixaba. *Revista Unitas*, Vitória, v. 5, n. 2 (n. especial), p. 313-333, 2017, p. 21.

³⁴ COSTA, 2017.

³⁵ MONTEIRO, 2016.

³⁶ COSTA, 2017.

³⁷ BORGES, 2015.

³⁸ COSTA, 2017.

³⁹ ROHD, 2009.

Entretanto, para aqueles que realizaram a festa, foi um sinal que apontava para uma África ainda não conquistada. Assim, significou uma identidade que, embora católica, era fundamentalmente africano e não europeia⁴⁰.

Considerações finais

O presente trabalho buscou descrever as contribuições do negro com a fusão do catolicismo e cultura negra dando abertura ao congo capixaba; assim, observou-se que as irmandades católicas proporcionaram um espaço privilegiado em que os africanos e seus descendentes conseguiram construir novas identidades.

Eventos do rei negro ainda eram vigorosos durante a era do império brasileiro, e embora eles não tenham mais a função social que já tiveram, a tradição sobreviveu durante muitos anos. Muitas comunidades negras foram capazes de aproveitar o espaço aberto pelo sistema dominante para transformar as irmandades católicas em lugares não só para a prática da fé, mas também como um meio de construir laços de solidariedade entre seus grupos de autoidentificação e para consolidar identidades.

As razões da existência de reis nas irmandades dos negros é o desempenho de papéis reais e também simbólicos com o espectro mais amplo da sociedade baseada na escravidão. As celebrações de reis negros, ligadas a danças e performances apresentadas pela corte do rei, de acordo com um formato é o resultado de uma combinação de contribuições que vêm não só de Portugal, como também da África.

O catolicismo reconheceu como um lembrete do Reino Cristão do Kongo, que se mostrou capaz de preservar sua autonomia independentemente do domínio Português sobre a região de Angola, que até o século XIX era uma área relativamente pequena cujo eixo principal era Luanda.

A congada é uma das festas populares ainda realizadas, apesar da grande mudança trazida pelas modernas formas de comunicação e transporte e pela disseminação da economia de mercado aos cantos mais distantes do interior do Brasil. Tais mudanças, geralmente, levam ao abandono de práticas baseadas na

⁴⁰ MONTEIRO, 2016.

tradição. A congada atrai pessoas de todas as origens, e ainda desempenha um papel no fortalecimento dos laços comunitários e na atribuição de identidades específicas em muitas regiões, especialmente no Sudeste.

Dentro desse quadro, o rei e a rainha do Kongo continuam a viver, vestidos como deveriam e identificados por símbolos de poder, como cetros e coroas. Até hoje, o Kongo e os Manikongo representam um importante ponto de referência para muitas comunidades negras no Brasil, as quais estabelecem suas identidades evocando especificidades históricas culturais e sociais que são úteis para eles como sinais diacríticos.

Referências

AXEL, Samba Tomba Justes. Às origens dos escravizados bantu de África central deportados às Américas dos séculos XVI-XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29, 2017, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPUH, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1505149767_ARQUIVO_AorigensdosescravizadosBantudeAfricaCentralAnpuh.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

BORGES, Clério José. *Revolta dos negros do Queimado: insurreição dos negros em busca da liberdade no Distrito do Queimado, Espírito Santo*. Espírito Santo: PERSE, 2015.

COSTA, Douglas Pinheiro; MATTOS, Thiaya Freitas de. A cultura e religiosidade do congo capixaba. *Revista Unitas*, Vitória, v. 5, n. 2 (n. especial), p. 313-333, 2017.

FERREIRA, Mendell Barreto. *O papel da igreja frente à escravidão indígena e africana nos séculos XVII e XVIII: um olhar sob a perspectiva dos padres Antônio Vieira e João Antonio Andreoni (Antonil)*. 2011. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/historia/files/2013/11/2011-O-PAPEL-DA-IGREJA-FRENTE-%C3%80-ES CRAVID%C3%83O-IND%C3%8DGENA-E-AFRICANA-NOS-S%C3%89CULOS-XVII-E-XVIII-UM-OLHAR-SOB-A-PERSPECTIVA-DOS-PADRES-ANTONIO-VIEIRA-E-JO%C3%83O-ANTONIO-ANDREONI-ANTONIL.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A Dinâmica da Escravidão no Brasil. Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. *Novos Estudos*, São Paulo, ed. 74, v. 1, p. 107-123, mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29642.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MONTEIRO, Livia Nascimento. A origem mítica das festas de Congada e as memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais. *Revista OQ*, ano 3, n. 3, maio 2016.

OLIVEIRA, Ilzver de Matos. *Perseguição aos cultos de origem africana no Brasil: o direito e o sistema de justiça como agentes da (in) tolerância*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=13d83d3841ae1b92>. Acesso em: 23 mar. 2019.

PRANDI, Reginaldo. *A dança dos caboclos: uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros*. [Texto de trabalho, s.d.]. Disponível em: https://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/A%20danca_dos_caboclos.pdf. Acesso em: 22 fev. 2019.

ROHD, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não *Nasceu*: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *REVER*, São Paulo, ano 9, p. 77-96, mar. 2009. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 21 mar. 2019.

SANTOS, Fabricio Lyrio. A civilização como missão: agentes civilizadores de índios na Bahia colonial no contexto da política pombalina. *Tempo*, Niterói, v. 22, n. 41, p. 533-550, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v22n41/1413-7704-tem-22-41-00533.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.